

AQUISIÇÃO DA ESCRITA EM SÉRIES INICIAIS: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Natália Souza do Rêgo Barros (UFRPE)

natalia_srbarros@hotmail.com

André Pedro da Silva (UFRPE)

pedroufpb@gmail.com

Introdução

Essa pesquisa foi realizada para mostrar como se dá a aprendizagem da Gramática Normativa nas escolas públicas de Recife, mais especificamente na Escola Municipal Nova Morada. Nosso intuito foi procurar entender como as variantes linguísticas interferem no aprendizado da Gramática Normativa, partindo do pressuposto de que há um uso recorrente da oralidade na escrita. Neste relatório buscamos discutir e analisar os dados obtidos, afim de acrescentar pesquisas e materiais de análise já existentes. Observar como as crianças do ensino fundamental adquirem a escrita e se a oralidade interfere na escrita. Sendo assim, esta seria mais uma ferramenta para promover o debate sobre o ensino da Gramática Padrão e a variação que fatalmente ocorre por motivos de ordem social e/ou linguística.

Os dados coletados foram analisados e embasados nos trabalhos de Faraco (2012); Hora (2004); Marcuschi (2005); Massini-Cagliari e Cagliari (2008) e Moraes (2003). Tomamos por base o método hipotético-dedutivo, utilizando os métodos estatísticos e comparativos e se estabeleceu uma análise quantitativa a partir dos dados coletados em um ditado de palavras realizado com as crianças do 1º, 3º e 5º Anos do Ensino Fundamental da escola acima mencionada.

A partir da realização de ditado de palavras e da experiência de troca em sala de aula com os alunos e professores, constatou-se que a oralidade interfere sim diretamente na escrita dos alunos pesquisados, apresentando variações que se aproximam da maneira de falar desses alunos, como, por exemplo, o apagamento da vibrante final em palavras [*perder ~ perde*]; a ditongação [*faz ~ faiz*]; o apagamento da dental /d/ em grupos -ndo [*falando ~ falano*], entre outras. Estes são um dos tipos de variações que a oralidade traz para o processo de aprendizagem da escrita, sendo estes fatores recorrentes, e que, com o avanço do letramento dessa criança, tais variações tendem a se afastar dela.

1. Um pouco de teoria

O ensino da língua materna tem como grande desafio integrar o ensino da Norma Padrão e as formas variáveis da língua. O processo de aprendizagem se restringe ao ensino da Gramática Normativa (doravante GT), a qual delimita o que é certo e o que é errado, desconsiderando os diversos usos que a língua permite, bem como interferências sociais, como sexo, escolaridade e idade, por exemplo.

A imposição da GT na aprendizagem traz uma ideia de que a língua escrita seja considerada superior à língua falada e que o “correto” é pronunciar o mais próximo possível da escrita. Assim, o aluno não aprende a língua como se deve, e o professor não ensina de maneira a integrar essas duas modalidades da língua, criando a cultura de que a *Língua Portuguesa é difícil de aprender*. Quando o tema *variação linguística* é tratado em sala de aula, este é visto como sinônimo do “falar errado”, desconsiderando que cada indivíduo tem uma maneira peculiar de se expressar. É imprescindível que se conceba a língua como algo não uniforme, variável e múltipla, mas como algo vivo e em constante transformação. Em uma perspectiva variacionista, a língua é concebida e estudada levando em conta seus usos variáveis, linguísticos e sociais (cf. BAGNO, 2008).

O modelo teórico-metodológico variacionista busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada. Propõe-se explicá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e linguístico (LABOV, 1972, p. 223-226). Dessa forma, o aluno entra na escola com uma bagagem linguística advinda da comunidade na qual este indivíduo está inserido, independente de extrato social e cultural, e que como algo legítimo, deve ser levado em conta em sala de aula.

Há dois tipos de variação: uma em função do falante, e outra em função do ouvinte. A variação em função do falante pode ser denominada como *dialetal*, como as variantes sociais, geográficas, de sexo, de idade, de gerações, por exemplo. A variação em função do ouvinte são as variantes no grau de *formalismo*, *modalidade* (fala e escrita) e variantes de sintonia (ajuste conforme o receptor). Com isso, fica evidente que as interferências não são apenas no extrato social e cultural, o falante adequa sua forma de expressão de acordo com a finalidade, e cada indivíduo tem um jeito particular de se expressar.

Segundo Cagliari (2003 *apud* ICHIKAWA, 1989 p. 44), os indivíduos aprendem a variação linguística peculiar nas comunidades onde vivem, porém a sociedade usa esses modos peculiares para marcar grupos de indivíduos e classes sociais de acordo com a maneira de falar, promovendo o preconceito linguístico.

Sendo assim, o grande desafio dos professores é conciliar o ensino da Gramática Normativa e os diversos usos que podemos fazer dela!

2. Metodologia

A fim de realizar a análise, tomamos por base o método hipotético-dedutivo e os métodos de procedimentos: a) o estatístico, para a realização da análise quantitativa e b) o comparativo, comparando os dados e suas diferentes causas; bem como resultados da escrita com resultados de fala.

Durante a pesquisa foram analisados treinos ortográficos produzidos por alunos de 1º, 3º e 5º anos, no intuito de testar a hipótese norteadora desta pesquisa: nas séries iniciais as produções escritas tendem a se aproximar da fala e ao longo do letramento essa tendência tende a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003 e 2007; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; MARCUSCHI, 2005; FARACO, 2012).

A população da pesquisa foi composta por alunos matriculados em uma escola pública do ensino regular, com turmas de ensino fundamental menor, no município de Recife-PE. A seleção da amostra foi realizada aleatoriamente contendo a mesma quantidade de sujeitos de ambos os sexos para a posterior comparação de dados.

Nesta pesquisa, foram analisados um total de 60 treinos ortográficos de palavras. Para tanto, foi escolhida previamente a escola Nova Morada, situada na Várzea, onde houve o contato com a Coordenadora e professores de língua portuguesa, onde recebemos deles a permissão para que os alunos produzissem os treinos ortográficos em questão.

O único critério de inclusão adotado foi a proximidade entre as faixas etárias por turma, a fim de evitar disparidade entre a caracterização dos sujeitos por turma e possibilitar uma maior fidedignidade dessa representação.

Durante a pré análise dos dados, o grupo pertencente ao 1º Ano do Ensino Fundamental não demonstrou uma boa escrita e, com isto, a filtragem das palavras (sejam as padronizadas ou as variações) tendam a se prejudicar. Isto se deu devido ao fato de estes alunos ainda estarem em um estágio pré silábico, ou seja, ainda usam letras soltas, na busca da formação das palavras ótimas, embora estas “palavras” por eles escritas/desenhadas não façam nenhum sentido.

Dessa forma, os alunos do 1º Ano não foram bem sucedidos na escrita das palavras propostas e, muitas vezes, escreveram até palavras inexistentes no PB, impossibilitando a análise. Por este motivo, os dados analisados dos alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental foram mínimos em comparação com o das outras duas séries.

3. Resultados e Discussão

Uma vez coletados os dados e estes previamente analisados, podemos partir para a análise final dos seguintes fenômenos de variação:

- a. monotongação,
- b. ditongação,
- c. apagamento do /d/,
- d. apagamento do /m/,
- e. apagamento do /r/ e
- f. vocalização.

No processo de monotongação é observado a subtração da semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes, nesta pesquisa, especificamente, os ditongos *ei* [ej] e *ou* [ow]. Já a ditongação consiste em transformar uma vogal em um ditongo, por exemplo, *Arroz* ~ *Arroiz*.

O apagamento do /d/ consiste em suprimir o /d/ na sílaba “ndo”, como por exemplo, *ganhando* ~ *ganhando*. No apagamento do /m/ ocorre a supressão da nasal final /N/ devido a um enfraquecimento desta ao ser pronunciada.

Quanto ao apagamento do /r/, ocorre uma supressão do rótico final ou entre sílabas por, assim como a nasal final, esta se tornarem fracas durante a sua produção oral. E por fim, na vocalização ocorre uma permuta da consoante lateral pela vogal /u/. E todas tem uma coisa em comum, durante a produção escrita destas variações: todos esses fenômenos sofrem uma influência direta da oralidade.

Para entendermos melhor as variações, de acordo com cada fenômeno, passemos então para o quadro 1, no qual está exposto os valores de acordo com as variações:

Fenômeno	Varição
Monotongação	18
Ditongação	49
Apagamento do /m/	31
Apagamento do /d/	33
Apagamento do /r/	50
Vocalização	41

Quadro 1 – Panorama Geral das Variações

A partir do exposto a acima, é possível observar que houveram muitas ocorrências de variação em todas os fenômenos levantados para esta pesquisa.

O *apagamento do /r/* e o processo de *ditongação* foram os fenômenos que mais recorrentes na produção escrita destes estudantes. Em contrapartida, o fenômeno da *monotongação*, que teve a menor ocorrência.

Os fenômenos do *apagamento do /m/*, *apagamento do /d/* e *vocalização* foram fenômenos que ocorreram equivalentes, com pouca diferença de números. Isso nos leva a pensar que ambos os processos variacionais convivem harmonicamente entre si, ou

seja, elas estão em variação estável, também conhecido por estabilidade das adversárias (cf. TARALLO, 2002, p. 63).

Para melhor visualização dos fenômenos aqui trabalhados, resolvemos trazer o gráfico 1, no qual é apresentado os valores da pesquisa em porcentagem, no intuito de se observar cada variação presente nesta pesquisa:

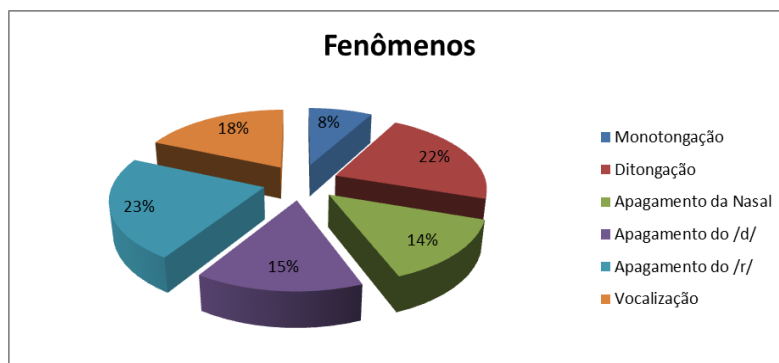


Gráfico 1 – Percentual das Variações Estudadas

Este gráfico mostra a ocorrência por porcentagem das variações através da análise dos dados obtidos nos ditados com os alunos do 1º, 3º e 5º Anos do Ensino Fundamental. O processo de *monotongação* ocorre em menor número com 8%, enquanto que a *ditongação* com 22%, e o *apagamento do /r/* com 23% ocorrem em maior número, com uma diferença mínima.

Cada processo, aqui apresentado, será explicado separadamente, apontando assim suas possíveis causas, para que se façam as ponderações de forma embasada e pautada nas informações corretas. Vale lembrar sempre que, os estudos linguísticos estão sempre em constante mudança, pois a língua não deve ser estudada como um processo estanque.

3.1 Monotongação

Como antes descrito, o processo de monotongação estudados neste trabalho ocorre com os ditongos *ei* [ej] e *ou* [ow]. De acordo com um contexto fonológico, a monotongação do [ej] está diretamente relacionada com a presença das vibrantes [r], como *madeira*; e das fricativas [j], como *queijo*.

Isso ocorre, de acordo com Paiva (1986), por conta da presença do traço [+alto] das palatais que é compartilhado pelo glide [y], havendo a assimilação que resulta da queda do glide. Com a vibrante [r] acontece parecido, há o espraiamento dos traços [+soante] e [+contínuo] e assimilados pelo glide, ocorrendo a monotongação.

Silva (1997), em um estudo de fala, chega à conclusão de que o ditongo [ej], se seguido por uma vibrante simples, a tendência é que sendo esta seguida por uma palatal, haja a supressão do glide, já que o resultado é inexistente na estrutura subjacente. Quanto ao ditongo [ow], a autora deixa claro que a tonicidade da sílaba é a variável mais favorável ao processo de monotongação do ditongo [ow], chegando à conclusão de que a sílaba tônica favorece a monotongação desse ditongo.

Após esta breve explanação sobre o processo de monotongação, passemos, então, aos nossos resultados acerca desta variante:

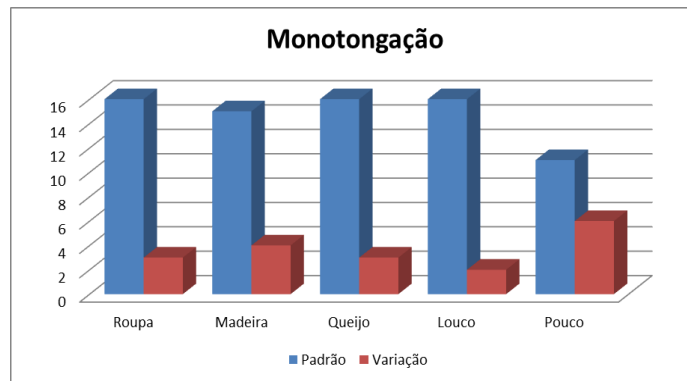


Gráfico 2 – Processo de Monotongação na Escrita

No gráfico 2, houveram poucas ocorrências de monotongação, a palavra que mais recorreu à variação foi *pouco*, com 6 (seis) aparições. Já a palavra *louco*, destacou-se como a palavra que menos apresentou variação, com apenas 2 (dois) exemplares.

Como se pode ver, todas mantiveram um alto índice de padrão. Uma resposta a esta manutenção da variante padrão é o uso efetivo destes vocábulos no dia a dia do aluno, ocasionando uma cristalização destas em seu inventário linguístico. Afora que estas palavras são sempre muito trabalhadas dentro de sala de aula, seja em atividades ou leituras em livros, e, até mesmo, em seu cotidiano, reforçando a ideia de que são palavras e constantemente revistas/trabalhadas mantem o seu padrão.

3.2 Ditongação

Neste processo, ocorre a inserção de um glide a vogal da sílaba, formando assim um ditongo. Sendo assim, a qualidade da vogal interfere diretamente nesta variação, como por exemplo: a vogal baixa /a/ (rapaz), a média aberta posterior /O/ (nós), a média fechada anterior /e/ (fez) e a média fechada posterior /o/ (arroz). Portanto, nesse sentido, as vogais fortes são as mais favoráveis nesse fenômeno, uma vez que tais vogais possibilitam o surgimento de um glide, formando, assim, um ditongo /ay/, /ey/ e /oy/, pertencentes ao quadro de ditongos do Português Brasileiro.

Mas há uma outra coisa bastante recorrente à esta produção: a presença da sibilante, em posição de coda, em todas as palavras trabalhadas, fazendo com o que haja a liberação da inserção do glide: *nascer* ~ *naicer*. Vejamos o gráfico desta variação:

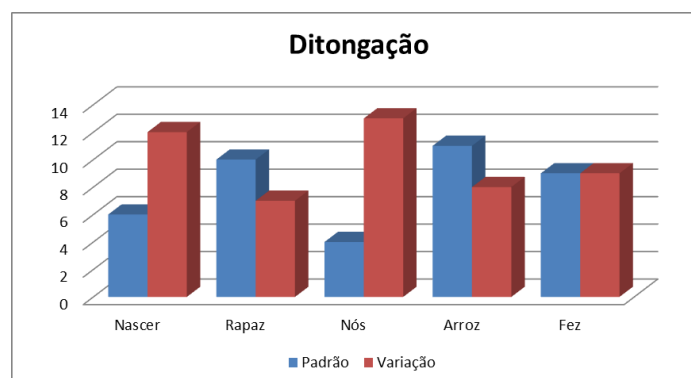


Gráfico 3 – Processo de Ditongação na Escrita

Como se pode observar no gráfico 3, a palavra *nós* apresenta-se como a detentora de maior variação. Aquino (1998), em um estudo sobre a oralidade, já aponta que esta palavra sofre mais o processo em estudo devido ao fato de esta palavra ter

apenas uma única sílaba. Segundo Aquino, em 2.762 aparições deste vocábulo, em sua pesquisa, 2.062 apontaram o processo de ditongação, com peso relativo de .62.

Em contrapartida, o menor número de variação foi registrado com a palavra *rapaz*, seguida de *arroz*. Observemos que em ambas, a sibilante está em posição final de coda, havendo assim, uma outra sílaba precedendo a sílaba da possível variação. Neste tipo de contexto, Aquino (1998), aponta em sua pesquisa, um valor de 2.454 palavras. Sendo que apenas 334 realizaram o processo de ditongação.

Logo, este fenômeno, o da ditongação, mesmo em âmbito de escrita, anda lado a lado com o da oralidade. O que nos faz pensar que este é realmente um processo recorrente da oralidade, isto é, ele se realiza na escrita, mas tem como gatilho a oralidade.

3.3 Apagamento da Oclusiva Dental /d/

Esse fenômeno está associado aos vulgarismos contidos na língua e a falta de uma norma rígida, segundo Silva Neto (1960, p. 54). De acordo com Bagno (1993, p.74), a assimilação do /d/ pelo /n/, nos grupos de “-ndo”, não é exclusividade no Português Brasileiro, é visto também em alguns dialetos italianos e também da Espanha, como o Catalão. Ainda segundo Bagno, as formas de gerúndio fático são as mais atingidas, como por exemplo: “você vira a direita e pega o primeiro cruzamento, **tá entendendo?**”.

Martins (2001) e Mollica e Mattos (1989), apontam ‘a classe de palavras’ como fator mais relevante, ao fenômeno aqui em estudo, a ser selecionada pelo VARBRUL¹ em seus trabalhos. Para Martins, de 3.197 casos registrados, ocorreu o apagamento da oclusiva dental /d/ em 2.163 vocábulos.

Passemos aos nossos resultados, apontados no gráfico que segue:

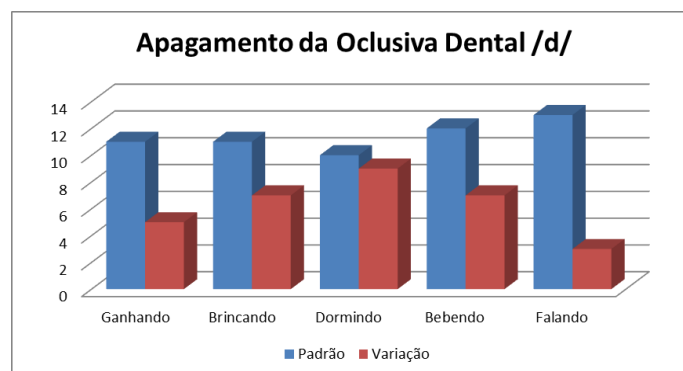


Gráfico 4 – Processo de Apagamento da Oclusiva Dental /d/ na Escrita

Como se pode observar, a palavra *dormindo* apresentou maior número de variação, enquanto que a palavra *falando* apresentou maior número de padronização.

Segundo Mollica e Mattos (p. 529), se levarmos em consideração os fatores de processamento que atuam no nível de unidade da palavra, pelo fato de a tonicidade de sílaba em final de palavra já se afigurar no português como um ambiente favorecedor à articulação branda ou mesmo à queda de segmentos, maior será a queda do /d/ se o item for constituído de muitas sílabas, uma vez que o contexto ‘-ndo’ é sempre átono e se encontra sempre no final de palavras.

¹ O VARBRUL é um programa criado em 1971 e desenvolvido por Sankoff & Rousseau (Cedergren & Sankoff 1974, Rousseau & Sankoff 1978) com o intuito de realizar estatisticamente dados linguísticos variáveis.

Mais uma vez confirmamos a nossa hipótese de que este processo variacionista está presente na escrita, devido a sua grande recorrência na oralidade. Isto só vem a corroborar a nossa ideia de que os alunos buscam na oralidade uma forma de espelho para a escrita.

3.4 Apagamento do /r/

O fenômeno do apagamento do rótico consiste tanto no apagamento do /r/ em final de vocábulo, quanto em seu interior.

O apagamento do R em posição de coda, em final de palavra, é um fenômeno antigo no português do Brasil. De acordo com Callou, Moraes e Leite (1998), o processo, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente, sendo hoje comum na fala dos vários estratos sociais.

Na pesquisa de Callou, Moraes e Leite o primeiro grupo selecionado, em todas as amostras, foi classe morfológica. Segundo os autores a perda do /r/ é mais frequente nos verbos: o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são marcados em português tanto pela presença do /r/ final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o segmento.

Passemos, então, aos nossos resultados, quanto ao apagamento do /r/ na escrita:

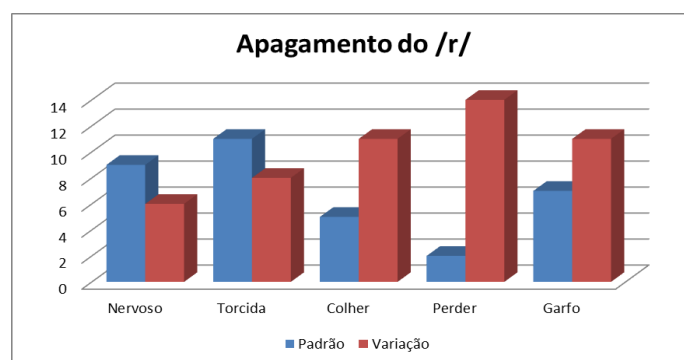


Gráfico 5 – Processo de Apagamento do Rótico /r/ na Escrita

Como se pode observar no gráfico acima, a maior variação acontece no verbo, igualmente à pesquisa realizada por Callou, Moraes e Leite (1998) com a oralidade.

Em contrapartida, Monaretto (2002, p. 261) descreve que a queda do /R/ é mais difícil em substantivos uma vez que os róticos finais não são morfemas, dessa forma, mantêm-se preservados. Igualmente ocorre em nossa pesquisa: nomes com /r/ em coda silábica medial [como: nervoso e torcida] mantiveram suas propriedades, por não serem morfemas.

Já nas palavras *colher* e *garfo*, acreditamos que a variação seja decorrente da forma padrão [ver BAGNO, 2011, p. 31] já cristalizada na oralidade da sociedade nordestina. Sendo assim, esta escrita estaria diretamente vinculada à oralidade, ou seja, esta variação seria uma transposição do uso oral para a escrita.

3.5 Apagamento da Nasal final

Este fenômeno acontece quando o /m/ final, nasal, não é pronunciado e nem escrito devido ao seu enfraquecimento dentro do vocábulo.

De acordo com Bagno (2011, p. 329) a desnasalização é um fenômeno muito frequente, inclusive nas variedades urbanas de prestígio em contexto de interação menos

monitorados, quando se trata de uma vogal nasal postônica, como: cantaram, fizeram, homem, ontem e viagem.

Isto vem mais uma vez confirmar o uso da escrita pautado na oralidade, mesmo que estas variações tenham ocorridas de forma bastante reduzida, como podemos observar no gráfico que segue:

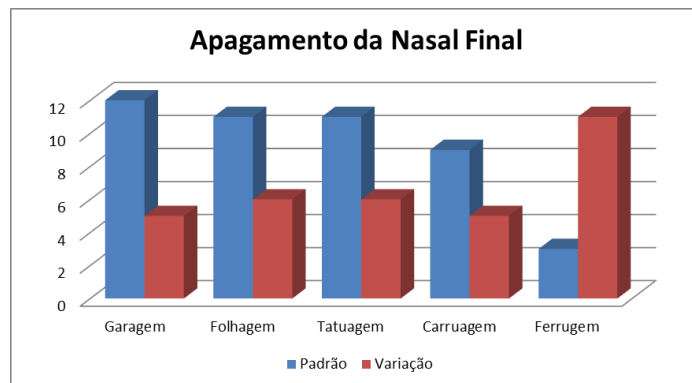


Gráfico 6 – Processo de Apagamento da Nasal Final na Escrita

Além disso, podemos perceber que a maior variação ocorreu na palavra com menor conhecimento dos alunos: ferrugem. Acreditamos que, devido ao uso “ferruge” da oralidade, este reflexo na escrita seja apenas uma transposição deste uso oral. Logo, o uso de certas palavras pela comunidade na qual o indivíduo está inserido está diretamente relacionado com o uso escrito destas palavras.

3.6 Vocalização

Este é um fenômeno no qual ocorre a substituição da lateral [l] pelo glide [w], ou seja, na oralidade, a lateral apresentará o som de *u*. Dessa forma, esta característica é transferida também para a escrita, ou seja, converte-se a consoante em um fonema vocálico.

Segundo Quednau (1993), a passagem de [l] para [w] pode ser definida em termos de regra telescópica, entendendo-se, nos termos de Hyman (1975), citados por Costa (2003), como perda de um estágio intermediário na derivação fonológica e alguns segmentos.

De acordo com Hora (2006) este processo está linguisticamente ligado ao fator contexto fonológico precedente. Ou seja, este processo será engatilhado principalmente pela vogal baixa /a/, e ocasionalmente pelas vogais /i/ e /e/.

Ainda segundo este pesquisador, o zero fonético será mais significativo quando a vogal que antecede a lateral for uma posterior /o/ ou /u/, principalmente se ela for alta, como: anzol ~ anzo; azul ~ azu. Vejamos o gráfico que segue para nos inteirarmos dos nossos resultados:

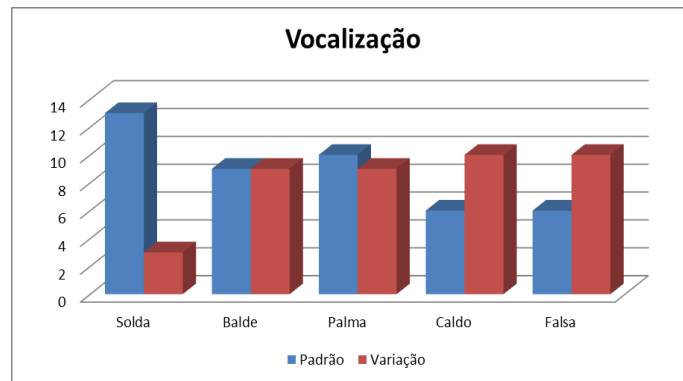


Gráfico 7 – Processo de Vocalização na Escrita

Assim como Hora (2006), os nossos resultados apontam para esta variação sendo engatilhada pela vogal baixa /a/, mesmo que esta variação não seja tão presente com as apontadas anteriormente.

Como se pode ver, as palavras em que há uma vogal /a/ precedendo a lateral, a variação é mais propícia, como *caldo ~ caudo*; *falsa ~ fausa*; *balde ~ baude*. Já a palavra em que se tem uma vogal alta, o fenômeno não foi tão recorrente. Ocorreram até alguns apagamentos, mas não registramos aqui, uma vez que estávamos em busca apenas da vocalização.

Assim, mais uma vez chegamos a confirmar a nossa hipótese de que tanto na oralidade, quanto na escrita, fator condicionante é o mesmo para o gatilho da vocalização: a presença de uma vogal baixa antecedendo a consoante lateral.

3.7 Cruzamento dos Fatores Sexo e Escolaridade

A questão da escolaridade é um determinante que não tem como separar da aquisição da linguagem, já que, o que a criança aprende em seu dia a dia é importante para o seu desenvolvimento linguístico.

As palavras que os alunos já estão mais familiarizados, essas estão internalizadas da forma como é dita, oralmente. Assim, esses alunos acreditam que a forma como ouvem determinadas palavras em casa ou em sua comunidade de origem sejam a correta e por isso a reproduzem na escrita.

Mas, um outro ponto a ser levado em consideração é a escolaridade. Com o aumento da escolaridade, os alunos tendem a incorporar a variedade da GT e passam a usá-las mais na escrita, uma vez que esta é tida como a correta. Com isto, deixam de usar a variedade não padrão, tida como ‘errada’ pela sociedade letrada.

A partir da comparação dos gráficos 8 e 9, podemos perceber esta aquisição do padrão da GT.

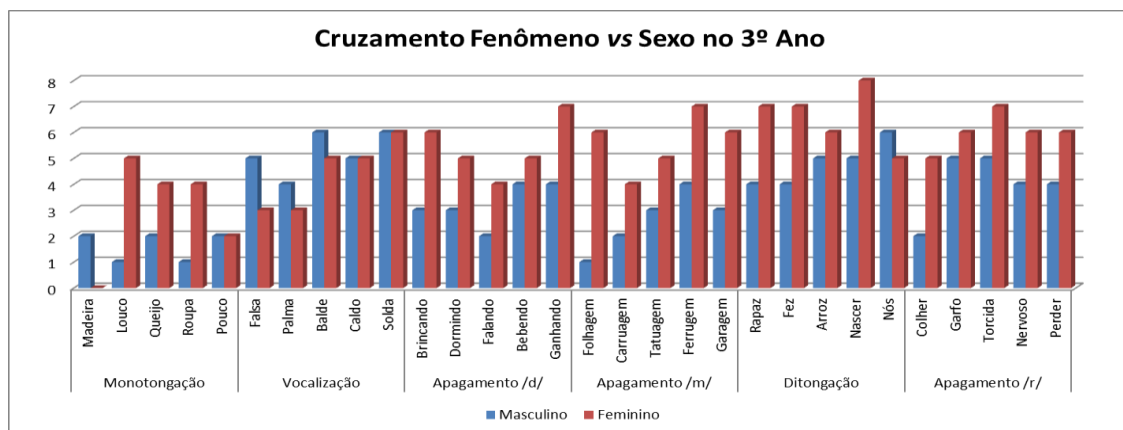


Gráfico 8 – Cruzamento Fenômeno vs Sexo no 3º Ano

A partir do gráfico 8, é possível observar uma forte tendência em relação a variável sexo. Como se pode ver, os meninos usaram mais a forma padrão e as meninas recorreram mais às variações.

Isto foge totalmente à literatura dos estudos sociolinguísticos. Pois, de acordo com Rommaine (2003), quando questionadas sobre quais formas utilizam com maior frequência, as mulheres norueguesas tendem a expressar que utilizam a forma padrão ate mais do que elas realmente utilizam. Os homens, por sua vez, afirmaram preferir o uso das formas não padrão da língua. Para a mulher, dizer que utiliza a variante de prestígio faz com que ela adquira um status em seu ambiente social.

A partir do exposto, como os informantes desta pesquisa ainda não detêm um conhecimento de disputa social, acreditamos que esta situação entre *sexo* não possua forte influência nas variações descritas neste trabalho.

Comparemos agora o gráfico 8 com o gráfico 9:

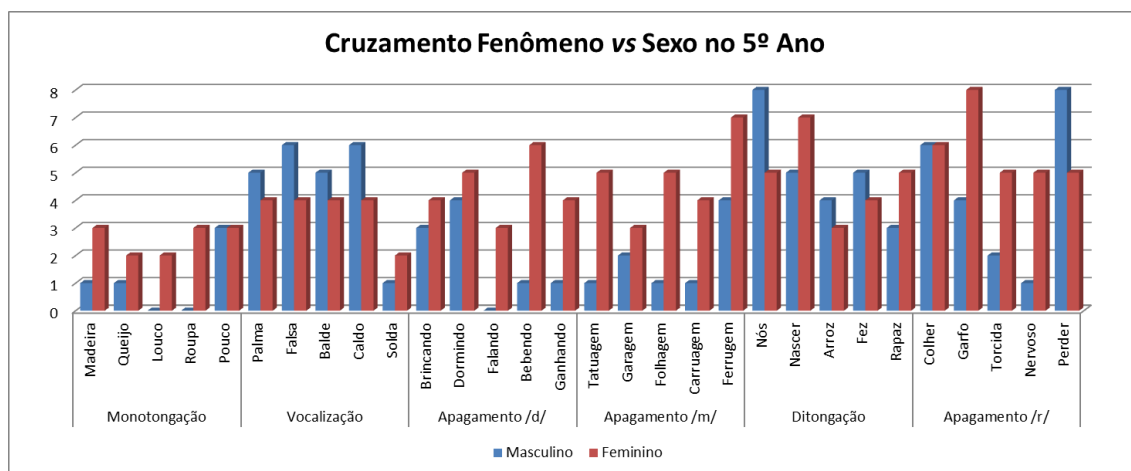


Gráfico 9 – Cruzamento Fenômeno vs Sexo no 5º Ano

É possível constatar que há uma real diminuição do uso variável na escrita dos fenômenos estudados neste trabalho a partir do fator escolaridade. Isto significa que, quanto mais os informantes avançam na escola, mais eles apreendem a forma padrão, imposta pela GT.

Labov (1966) já aponta a variável escolaridade como sendo um fator de suma importância para a variação oral. Igualmente é possível observar em nosso trabalho. Como se pode ver, embora o sexo feminino continue variando mais do que o masculino, é clara a diminuição da variação com o avanço da escolaridade.

Dessa forma, confirmamos a nossa hipótese principal: a de que quanto maior a escolaridade dos indivíduos, maior será o uso padronizado da GT, independentemente do fator sexo.

Conclusão

Após exaustivas análises dos dados é possível verificar, sem dúvida alguma, que quanto mais se escolariza, mais o indivíduo se qualifica em termos de escrita, uma vez que aumenta o seu contato com materiais didáticos, vem como com a escrita padronizada, de acordo com a GT, dos professores em sala de aula.

Um outro ponto fundamental foi que há realmente variação escrita e que esta variação advém da oralidade, como mostrado nas análises antes mencionadas.

As variações mais recorrentes na escrita estão focadas, do maior para o menor, no Apagamento do /r/, na Ditongação, na Vocalização, no Apagamento do /d/ e do /m/ e, por fim, na Monotongação.

A partir das análises, foi possível constatar que realmente estas variações possuem os mesmos padrões de variação encontrados na oralidade. Pois como se pode observar, para cada explicação de variação oral, havia uma mesma explicação de variação escrita. O que credencia como a escrita ter uma forte correlação com a oralidade, ou seja, a escrita realmente é um espelho da oralidade.

Referências bibliográficas

AQUINO, Maria de Fátima de Souza. *A Ditongação na comunidade de João Pessoa: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2008.

CALLOU, Dinah; MORAES, João & LEITE, Yonne. 2002. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil*. In: Ingedore G. Villaça KOCH. Ed. *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp. 463-489.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2012.

HORA, Dermeval (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

HORA, Dermeval. *Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais*. Scripta, Belo Horizonte, v. 9, nº 18, p. 29-44, 1º sem. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O Tratamento da oralidade no ensino da língua*. Recife: UFPE, 1993. Texto mimeografado.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo. *Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo na fala de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis & CAGLIARI, Luiz Carlos. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto: 2011.

MOLLICA, Maria Cecília e MATTOS, Paula B. *Dois processos de assimilação fonológica no português falado semiespontâneo do Rio de Janeiro*, 1989, mimeo.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2003.

MORAIS, Artur Gomes de (org.). *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2002.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, Fabiana S. *O processo de monotongação em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 1997.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. Rio de Janeiro: Parábola, 2006.

SANTOS SOBRINHA, C. S. & DE MESQUITA FILHO, O. P, *Variação linguística dentro de sala de aula*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. São Paulo: Edição 4, 2011, Ano 4 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2011.